

Manifesto em apoio à protecção do Património Natural da Costa de Matutuíne

As organizações da sociedade civil, parceiros de cooperação, instituições académicas e outras que se preocupam e trabalham em prol do desenvolvimento equilibrado de Moçambique juntaram-se no dia 24 de Maio último aos membros da Fundação para a Conservação da Biodiversidade - BIOFUND para debater em seminário a importância do Património Natural do Sul de Moçambique, especialmente ao longo da Costa de Matutuíne.

Em resultado desse encontro é elaborado o presente manifesto que, por um lado, reafirma as características únicas da geologia da morfologia, do quadro paisagístico, da flora e da fauna da área em questão e, por outro lado, condena os planos e iniciativas que constituem ameaça à integridade e valor daquela área do país.

O reconhecimento da importância desta parte da nossa riqueza natural é resultado de diversos trabalhos científicos realizadas por especialistas internacionais.

Estudos similares foram feitos em todo o planeta, resultando na identificação e classificação de um conjunto de 36 destes lugares de importância extraordinária, dada a sua diversidade biológica e alta incidência de espécies endémicas. São também lugares sobre os quais impendem ameaças que colocam em risco a sobrevivência destas espécies, o que solicita por parte dos Governos que os possuem um esforço e dedicação muito particulares, em ordem a garantir a sua defesa e preservação pois por esses lugares serem únicos, uma vez destruídos é o mundo inteiro que fica mais pobre.

A costa de Matutuíne é parte de uma zona que é considerada um desses grandes marcos da biodiversidade, a nível planetário. Falamos de uma zona ecológica que se estende desde Port Elizabeth, na África do Sul até junto de Xai-Xai, na nossa província de Gaza cobrindo desde as montanhas da cordilheira dos Libombo, às pradarias, às praias e às riquezas submersas e que internacionalmente se denomina *Maputaland-Pondoland-Albany Biodiversity Hotspot*.

Na sua parte terrestre, esta área é reconhecida há já muitas décadas como uma área especial em termos de fauna, com registos de grandes populações de mamíferos como cocones, zebras, búfalos, elefantes e outros antílopes. Foi com base nesta riqueza faunística e o potencial turístico que em 1960 foi criada na sua parte moçambicana a Reserva Especial de Protecção aos Elefantes (denominação que em 1969 foi transformada para Reserva Especial de Maputo).

Nos anos 90 estudos revelaram naquela zona uma impressionante diversidade de espécies de plantas endémicas, com mais de 2500 espécies. A Reserva Florestal de Licuati, foi estabelecida em reconhecimento da existência de um tipo de vegetação único no país e no Mundo. Esta decisão levou a que Moçambique pudesse acrescentar esta região sul do país na lista das Nações Unidas dos Centros de Diversidade de Plantas. Adicionalmente, o Governo de Moçambique tomou em 2005 a decisão de não autorizar a realização de um grande projecto de plantação de eucaliptos projectado para aquela zona.

A área marinha da costa de Matutuíne é considerada uma das 8 áreas na África do Este de importância global em termos de diversidade biológica. Os recifes de coral são considerados os melhores de Moçambique e com características únicas no mundo, dada a sua localização. Como sabemos os corais são importantes refúgios de peixes, e nesta área foram identificadas mais de 400 espécies.

As praias virtualmente intocadas desta costa fazem justiça à marca Moçambique como um destino turístico mundial. Para além da sua beleza natural, é nestas praias que as tartarugas vêm desovar. E é nesta costa onde existe a maior densidade de nidificação de tartarugas de couro de todo o país. Estas praias são por assim dizer a maternidade preferencial desta carismática espécie de tartarugas.

Estas características da costa de Matutuine oferecem uma oportunidade ímpar de promover um desenvolvimento do turismo de nível internacional.

Temos portanto a possibilidade de promover nesta região acções que visem uma maior partilha dos benefícios provenientes da biodiversidade e dos serviços fornecidos pelos ecossistemas a um nível comparável com o que neste mesmo *hotspot Maputaland, Pondoland Albany* acontece do lado sul-africano, como fomos informados pelo representante da reserva de iSimangaliso, um dos palestrantes no seminário do dia 24 de Maio, acima aludido.

Estamos contudo conscientes da ideia da construção na costa de Matutuíne de um porto de águas profundas com o respectivo complexo industrial, área habitacional e rede de transportes. É um projecto grandioso, com duvidosa sustentabilidade económica mas inevitavelmente, com efeito nefasto sobre o património natural da costa de Matutuíne.

Ora de acordo com estudos preliminares, o enorme potencial turístico daquela região, se explorado de forma apropriada, com um investimento que corresponderá a uma fracção do custo do projecto megalómano do porto artificial de águas profundas pode gerar, a longo prazo, um rendimento global não muito inferior ao que se imagina que o porto produziria - com a vantagem de não destruir a natureza.

O nosso património natural é um bem de valor inestimável que os nossos antepassados souberam durante séculos cuidar, e que é nossa obrigação legarmos às gerações futuras. As escolhas que fazemos - e as que não fazemos - constroem a nossa identidade, como pessoas, como comunidade e como país.

A comunidade moçambicana da conservação sente ser seu dever fazer chegar às altas instâncias de decisão do país um NÃO veemente e unânime ao projecto do porto de águas profundas e a quaisquer outros projectos que ponham em perigo a conservação do nosso valioso património natural.

Pela atitude que o Governo moçambicano têm assumido no que respeita à conservação e, sobretudo pelos muitos pronunciamentos públicos que o Presidente Nyusi tem feito a esse respeito, que muito nos têm encorajado, temos a certeza de que o nosso apelo, que tem largo respaldo internacional, não deixará de merecer a consideração devida.

Maputo, 25 de Junho de 2017